

13

—

Sarau...

Escrita em movimento

MARIA FIRMINA DOS REIS GANHA UM NOVO ROSTO EM SEU ANIVERSÁRIO DE 198 ANOS

Por Wal Paixão

Wal Paixão

Waldeilson Paixão é graduado e mestre em Design pela Universidade Federal do Maranhão; Foi professor substituto em Design do Instituto Federal de Educação Tecnológica – IFMA; Atualmente utiliza sua formação como suporte para desenvolver ilustrações ora aplicadas em camisetas, ora aplicadas em gravuras ou padrões de estamparia, todas focadas nas temáticas da cultura maranhense; Dedicar atenção aos materiais, processos e experimentos que privilegiam o fazer artístico manual; “Trabalho com arte por inquietação da alma; me expresso por imagens que são construídas pouco a pouco, com muito carinho, persistência e paciência, alimentadas pela maré de conhecimento que chega, seja através de leituras, seja pela experiência ampla do viver”.

waldeilsonpaixao@gmail.com



<https://www.youtube.com/watch?v=yphuScko6KQ>

MARIA FIRMINA DOS REIS, maranhense de grandes feitos pioneiros, sobretudo como mulher, romancista, de origem negra, abolicionista, professora, compositora. 11 de março de 1822 é oficialmente sua data de nascimento; a data também é o Dia da Mulher Maranhense, instituída por Lei. Dia esse que escolhi para apresentar meu desenho e homenageá-la.

Fique atento para não confundir, porque confusões sobre Maria Firmina não faltam. Você pode encontrar algumas fontes datando equivocadamente 11 de outubro de 1825 como o nascimento da escritora. Um outro equívoco bem conhecido é que ela ainda tem seu retrato associado a outra escritora, Maria Bormann, gaúcha e contemporânea de Firmina. Como surgiu isso não sei dizer, mas na verdade é possível constatar tal confusão em diferentes mídias, algumas inclusive reforçando a velha prática do embranquecimento de figuras negras.

Então qual seria a imagem de Maria Firmina dos Reis? Bem, o que se sabe "até o momento" é que não há nenhum registro fotográfico, escultórico, desenho ou gravura que tenha sido encontrado originalmente dela. O que se tem são tentativas, umas fundamentadas outras aleatórias outras de natureza quaisquer. Achei isso intrigante e ao mesmo tempo desafiador para um artista.

Alguns meses atrás dei início aos primeiros desenhos, guiado pela imaginação em paralelo com algumas leituras sobre o tema. Mais adiante me deparei com uma breve descrição, presente no livro Maria Firmina: fragmentos de uma vida, do curioso Nascimento de Morais Filho: "Rosto arredondado, cabelo crespo, grisalho, fino, curto, amarrado na

altura da nuca; olhos castanho-escuros; nariz curto e grosso; lábios finos; ... morena." Que emoção! Cheguei até sonhar com ela. Juro e dou fé.

Bem, fui moldando o desenho e pesquisando um pouco mais. Outra fonte de grande aprendizado foi (e continua sendo) a página www.memorial-mariafirmina.org, idealizada e editada pela pesquisadora no assunto Luciana Diogo. Fiz contato com ela e nossas conversas mudaram algumas coisas no desenho, sobretudo quando a Luciana me chamou atenção para o seguinte detalhe, também no livro de Nascimento: "Maria Firmina vestia-se com roupas escuras. Usava chale preto colorido". Eu já tinha desenhado Firmina com outra roupa da época; tive que refazer o desenho e compartilhei com a Luciana. Ela gostou e continuou a mandar mais referências; comprei mais livros e minha companheira Glori seguiu aqui imprescindível: *la cabeza esta grande; el cuello también; a mi no me gustan las manos*. O trabalho amadureceu e ganhou em complexidade, assim como em responsabilidade, afinal existem muitos desencontros sobre a Maria Firmina dos Reis. Vamos ao desenho.

Aqui vos apresento a minha Maria Firmina. De mim também "não é vaidade adquirir nome que me cega", o publico pelo sentimento de gratidão a ela por todos seus grandes feitos que, mesmo tardiamente reconhecidos, produzem impactos profundos. Impacto que senti, por exemplo, quando conheci a escrava Susana e suas dores, em Úrsula. Para essas dores, Susana, ilustro a luz do "sol que raiou hoje", presente no *Hino à liberdade dos escravos*, composto por Firmina; uma luz de luta por dias melhores. Cantemos.





★ 1822

† 1917

MARIA

FIRMINA

DOS REIS

"Alma Maranhense"

MESTRA RÉGIA < REFERÊNCIA HISTÓRICA NA LITERATURA BRASILEIRA

WAL PIA XÃO

Firmina, eu abri páginas antigas, li e estive com você ali quando tu brincavas no quintal daquele lindo casarão histórico. Comprovei que realmente você tinha admiração pelas flores e por isso te ofereci umas rosas e uns lírios da paz neste desenho.

Descobri ainda que você escrevia sobre a praia de Cumã e navegava ligeira por águas inquietas em busca daqueles olhos, olhos de certo volver, que neles querias viver e que te geravam alegria. Que olhos são esses, Fir-mi-na? Rum..! Não descobri, mas deixei teu sorriso registrado no desenho por tais olhos, pelo meu olhar. E esse olhar estava curioso e inquieto; queria mais.

Então mergulhei por outras páginas e descobri que a “Uma Maranhense” é você, de Guimarães, com aquela caligrafia de ductus firme, que possivelmente inspirou teus alunos. Ah! Eu amava a caligrafia de minhas mestras... Mas vem aqui, soube que criastes uma Nova Escola mista que fechou e depois seguiu no barracão de Mondego, em Maçaricó. É certo isso? Ali é a terra de meu pai! Eu nunca vou esquecer essa pequena ligação vimarense que nós temos. Como eu soube? Eu fui atrás de você e viajei no tempo,

naquele barco à vapor, o Primavera. Encontrei inclusive seu 'diário', o Álbum, escrito em pequenas tiras de papel almaço; nele li coisas que me fizeram chorar, Diliquinha.

Eu desconhecia suas preocupações, aqueles apertos que temos no coração; seus desejos em atentar contra sua vida, no seu caso divinamente dissuadidos. Soube de sua enfermidade e a ausência de filhos biológicos. Mas também descobri seus muitos filhos adotivos e que você comia 'beiju curuba'. Eu sei de coisa porque viajei no tempo: fui o galego no teu Pastor Estrela do Oriente, cantarolei suas músicas e fui mutuca no Boi Caramba. Aliás, essa estrofe é bem familiar aos maranhenses: “senhora dona da casa, eu também sou fumador, mas a ponta que eu trazia, caiu água e se molhou”. E digo mais, você ficava ali na porta de sua casa e a molecada chegava pra tomar bênção. Aproveitei: Bença, professora Firmina; Deus lhe dê saúde, meu filho!

Em 11 de novembro de 1917 morreu Maria Firmina dos Reis, cega e pobre, “Filha do Céu, remonta à essência. Descansa das fadigas dessa vida”. Que “a terra lhe seja leve” e aceite minha homenagem.